O MOVIMENTO *QUEER*: PLURALIZAÇÃO DE CORPOS, GÊNEROS E IDENTIDADES[1]

Paula Nunes Chaves

Terezinha Petrucia da Nóbrega

RESUMO

Este escrito objetiva refletir sobre as noções de identidade e gênero que orientam e balizam a conjuntura teórica queer. A pesquisa de cunho teórico-filosófico constatou uma reviravolta identitária provocada pelo movimento queer, bem como uma ampliação no conceito de gênero, a partir de reflexões teóricas como a performatividade e as multidões queer.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Queer; Identidade; Gênero.

INTRODUÇÃO

O recorte deste texto é parte do referencial teórico de uma pesquisa de mestrado de cunho teórico-filosófico sobre os possíveis diálogos entre a teoria *queer*[2] e a fenomenologia de Merleau-Ponty[3] no que se refere às compreensões de corpo e sexualidade, e é ancorada no método fenomenológico desse mesmo filósofo, a partir das técnicas de descrição, interpretação dos fenômenos e de redução fenomenológica, esta última enquanto técnica de ruptura da familiaridade para com o objeto de pesquisa. A redução consite no afastamento do objeto no intuito de vê-lo de outras formas, enxergar seus paradoxos e incompletudes, mesmo sabendo da impossibilidade de nos distanciarmos por completo de tais objetos, tendo em vista que os mesmos habitam em nós, no nosso corpo e na nossa experiência no mundo (MERLEAU-PONTY, 1999, p.10).

Enquanto estratégia de redução para este escrito, que objetiva refletir sobre as compreensões de gênero e identidade que orientam e balizam a conjuntura teórica *queer*, suas

[1] Este estudo teve apoio finaceiro através da concessão de bolsa de estudos a nível de mestrado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

[2] Perspectiva teórica e movimento político que surge na década de 80 e se propõe a pensar as ambiguidades, a multiplicidade, a fluidez das identidades sexuais e de gênero, bem como os corpos que subvertem os padrões sociais, problematizando as formas convencionais de viver essas dimensões (LOURO, 2013, p.49).

[3] Filósofo Francês que se debruçou sobre os fenômenos do corpo, da existência, do mundo, se inscrevendo em uma conjuntura de pesamento moderno, "mais humano", reflete sobre o corpo e sua experiência existencial. Merleau-Ponty encontra na arte, e principalmente na pintura, o incabamento, a criação e as sensações que precisava para pintar em forma de palavras sua fenomenologia.

pesquisas e estudos, bem como sobre suas implicações para pensar a pluralidade de corpos e desejos não classificados na lógica binária de gênero e fixa de identidade na área da Educação Física, foram utilizadas leituras das obras referentes à construção teórica *queer*, a saber: *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças* (2012); *Um corpo estranho: ensaio sobre sexualidade e teoria queer* (2013), *Judith Butler e a Teoria Queer* (2013); *Problemas de Gênero: feminismos e subversão de identidades* (2012). Por fim, usamos entrevistas realizadas com duas influentes teóricas *queer*: Judith Butler e Beatriz Preciado. Esses materiais nos ajudaram a traçar as noções de identidade e de gênero que acompanham os escritos e a antinormalização própria da teoria *queer*.

Ao nos reportarmos ao universo das produções acadêmicas, destacamos um mapeamento realizado sobre os estudos de gênero na Educação Física brasileira, no qual Devide *et al* (2011, p.95) apontam que esses estudos iniciaram na década de 1980, com a ênfase na perspectiva marxista de gênero, ou seja, nas desigualdade sociais, e na corrente culturalista. No início do século XX, a perspectiva pós-estruturalista adentra no estudos, iniciando uma ampliação das reflexões, inaugurando discussões pautadas em noções de identidades "plurais", para além do binarismo polarizado entre gênero masculino e feminino. Ressaltam também que os estudos de gênero na Educação Física estão focados na questão das mulheres (DEVIDE *et al*, 2011, p.95).

Nesse sentido, destaca-se a existência e a importância de vários estudos recorrentes na área da Educação Física tematizando e pensando as relações de corpo, gênero e sexualidade na Educação Física escolar, bem como no âmbito específico do esporte, com uma incidência maior de trabalhos no sentido de discutir a questão das mulheres neste espaço. Nesse contexto, podemos citar alguns trabalhos como o intitulado "Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico" (GOELLNER, 2007), e "O esporte e a construção de uma estética eugênica: imagens do corpo feminino na Revista Educação Physica" (GOELLNER, 2012) escritos por Silvana Vilodre Goellner, uma das principais e pioneiras pesquisadoras brasileiras na área da Educação Física e suas interlocuções com o gênero e a sexualidade, que versam sobre o feminino e a mulher no esporte. Destaca-se também nesse contexto, a tese de doutorado da autora citada acima que intitula-se "Bela, maternal e feminina - imagens da mulher na Revista Educação Physica" (1999).

ISSN 2175-5930

No entanto, no que concerne as produções que acionam o pensamento *queer* na Educação Física, não se encontra uma discussão consolidada, os estudos e produções acadêmicas são praticamente inexistentes. Destacamos nessa conjuntura um trabalho publicado recentemente sob o título "Fallon fox: um corpo *queer* no octógono"(2014), de autoria de Silvana Goellner e Carla Grespan, que discute o caso de uma lutadora transexual. Todavia, essas iniciativas de discussão dos corpos e da própria teoria *queer* na Educação Física são extremamente recentes e inaugurais, ao mesmo tempo em que a emergência de corpos, estéticas, sexualidades, masculinidades, feminilidades e subjetividades subversivas se apresentam como um novo desafio para área, seja no cenário esportivo ou nos demais contextos, inclusive no epistemológico.

Destaca-se também, nesse sentido, alguns trabalhos que versam sobre esporte e competições *queer*, mas que foram escritos por autores que não são da área específica da Educação Física, podemos citar, neste contexto, produções de Wagner Xavier Camargo e Carmem Silva Rial (2009) que trazem uma gama de contribuições para pensar os sujeitos *queer* no esporte no contexto pós-moderno, tendo como pauta central as competições esportivas mundiais que agregam os atletas *queer*.

Nessa direção, temos que embora as discussões sobre gêneros e identidades tenham se fortificado e ampliado suas abordagens na Educação Física brasileira ao longo da história, a perspectiva teórica *queer*, bem como a problematização de corpo, identidade, gênero e sexualidade da qual ela fala ainda não se aproximou solidamente da área, mesmo porque a própria teorização *queer* é recente. E por apostarmos em possíveis contribuições, problematizações e ampliações epistemológicas advindas da incorporção da agenda teórica *queer* para pensar as questões dos corpos, sexualidades e gêneros na área da Educação Física, apontaremos e discutiremos algumas questões dessa agenda, principlamente no que concerne aos conceitos de identidade e gênero.

MOVIMENTO *QUEER*: A EMERGÊNCIA DE UMA POLÍTICA PÓS-IDENTITÁRIA

Na contemporaneidade, estamos assistindo à flexibilização de um dos pilares mais rígidos e primordiais estabelecidos pela sociedade: a categorização unívoca do masculino e do feminino. As reflexões sobre essa pluralização de corpos, identidades e modos de existir no mundo desponta de forma mais emblemática a partir da década de 80, através de um movimento político e intelectual chamado de teoria *queer*, que por sua vez, foi impulsionado

ISSN 2175-5930

por uma série de outros movimentos sociais, dentre os quais se destacam: o movimento feminista da segunda onda, os movimentos homossexuais e a luta pelos direitos civis da população negra no sul dos Estados Unidos. Esses movimentos políticos e sociais começaram um processo de questionamento dos padrões morais, deslocando e ampliando a luta social, antes focada nas desigualdades econômicas, para novas demandas da ordem do corpo, do desejo e da sexualidade (MISKOLCI, 2012, p.22).

O termo *Queer* pode ser traduzido originalmente por estranho, excêntrico, raro, extraordinário, e com toda sua carga de preconceito, estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais para caracterizar a oposição e contestação a heteronormatividade compulsória. *Queer* significa colocar-se contra a normalização, aponta para o que não está no centro, ele representa a diferença na sua forma mais transgressiva e perturbadora (LOURO, 2013, p.39). O ímpeto transgressor e anti-normalizador da teoria *queer*, nos leva a pensar em sujeitos que escapam às certezas estabelecidas e criam novas rotas do corpo e de seu desejo.

Queer são esses sujeitos que corporificam a indefinição desconcertante de estar sempre transitando ou atravessando a fronteira que separa os gêneros e as sexualidades. Para além de desestruturar os binarismos, definições ou dicotômias de gênero, os corpos *queer* evidenciam a possibilidade do atravessamento constante destas fronteiras de gênero, ditas opostas, através da construção e reconstrução de seus corpos, que podem se colocar especificamente na fronteira, na indecisão entre o masculino e o feminino, e na subversão de não pertencer a nenhum lugar pré-determinado, é o caso, por exemplo, das *Drags*, travestis ou transexuais.

Essa indeterminação e subversão não se encontra apenas nos corpos *queer*, tendo em vista que quando nos reportamos à esfera das pesquisas e teorizações *queer*, sempre conectadas ao movimento político, encontramos uma agenda teórica também preocupada com a problematização dessas noções clássicas, fixas e limitadas de identidade [4] e gênero, enraizadas no pensamento racional, inaugurando outras formas de enxergar essas categorias.

Os movimentos gays e lésbicos precedentes à teoria *queer* estavam preocupados em criar uma identidade homossexual unívoca e comportada que pudesse ser aceita e integrada ao conjunto da sociedade. Essa identidade normativa balizava-se na figura do sujeito gay,

[4] Estamos entendendo por identidade, uma construção temporal e mutável ao longo da vida, uma identidade como "celebração do móvel", na perspectiva de Stuart Hall (2011, p.13).

ISSN 2175-5930

branco, de classe média alta, que expressasse uma masculinidade nos moldes tradicionais. Ou seja, era um modelo de identidade gay pautado nas normas heterossexuais que excluía grande parte dos sujeitos homossexuais que não se encaixavam em tal designação, como, por exemplo, os gays afeminados, travestis e transexuais.

Em um sentido diametralmente oposto, a prosposta *queer* inaugura uma crítica pesada à necessidade de definir uma identidade dentro do rol restrito das identidades aceitas e legitimadas: homem ou mulher, hétero ou homo. O *queer* almeja evitar a abordagem classificatória que determina "espécies sexuais alocando cada uma em uma caixa ou identidade" (MISKOLCI, 2012, p.18), processo que acaba colaborando para uma normalização identitária e condicionamento dos corpos.

Ao criticar o movimento gay e sua identidade comportada, "ao alertar para o fato de que uma política de identidade pode se tornar cúmplice do sistema contra o qual ela pretende se insurgir, os teóricos e as teóricas queer sugerem uma teoria e uma política pós-identitárias" (LOURO, 2013, p.47). Política que desafia e coloca em xeque as dicotomias masculino/feminino, hetero/homo, e problematiza as compreensões clássicas de sujeito e identidade, para além da estabilidade e coesão esperados de um sujeito central e determinado, abrindo portas e dando voz a um sujeito que vive a inútil e interminável busca pela completude, sem jamais classificar-se como um tipo distintivo de ser humano, com espécies ou tipologias pré-determinadas.

Ao atentarem para o fato de que a afirmação de uma identidade é responsável por uma demarcação de território e uma negação de seu oposto, "A agenda teórica moveu-se da análise das desigualdades e das relações de poder entre categorias sociais relativamente dadas ou fixas (homens e mulheres, gays e heterossexuais) para o questionamento das próprias categorias – sua fixidez, separação ou limites" (LOURO, 2013, p.38). Esse movimento permitiu a ascensão das identidades impensáveis outrora para o centro das discussões sobre as múltiplas e fluídas maneiras de ser e viver a sexualidade, o gênero e o corpo.

Ao realizar essas problematizações, o *queer* chama a atenção para a pluralização de corpos, desejos e arranjos sexuais que desmantelam o modelo instituído e construído social e culturalmente, mostrando que a heteronormatividade[5] não é a única forma legítima de viver a

[5] Heterormatividade é aqui compreendida como a "ordem sexual do presente, fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo. Ela se impõe por meio de violências simbólicas e físicas dirigidas principalmente a quem rompe normas de gênero" (MISKOLCI, 2012, p.43,44).

ISSN 2175-5930

sexualidade e que o corpo não cabe em formas unívocas e determinadas de identidade, fissurando a relação linear entre corpo-gênero-desejo ao colocar em pauta homossexuais, bissexuais, travestis, transexuais, e tantos outros que não podem ser definidos por esses nomes. Além da virtude de implosão das categorias fixas e regulatórias da identidade, o movimento *queer* deseja produzir conhecimento a partir do abjeto, um conhecimento diametralmente oposto à hegemonia e legitimidade científicas vigentes, um saber que é produzido por meio da experiência vivida de corpos subversivos. Como nos confirma Miskolci (2012, p.47), a proposta *queer* é colocar os saberes subalternos no centro, tomar o impensável como ponto de partida, questionar a produção de um conhecimento hegemônico e heterossexual. Isso é possível a partir da experiência da abjeção, a experiência de identidades e corpos negados, recusados, transformados, que nos dão o outro lado da história, vidas que denunciam a normalização em todos os aspectos da vida social, inclusive na educação institucionalizada.

Como vimos, o *queer* não está interessado na inclusão de uma identidade homossexual na sociedade, sua grande preocupação são os sujeitos ditos e considerados abjetos, ou seja, os indivíduos relegados ao desprezo da coletividade, aqueles que a sociedade preferia não ver, que não deveriam existir, tendo em vista que seus regimes de visibilidade e de existência incomodam, por destoarem dos padrões identitários de corpo, gênero e sexualidade legitimados social e culturalmente. Eles incomodam porque rompem com o que deles se espera, rompem com a figura máscula de homem ou com a delicadeza tradicional da mulher, invertem e misturam o masculino e o feminino, se relacionam afetiva e sexualmente com pessoas de mesma anatomia sexual, e, portanto, são, por vezes, considerados objetos de medo, repugnância, recusa e nojo:

> O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas ‘inóspitas’ e ‘inabitáveis’ da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito (BUTLER, 2013, p.155).

É justamente por serem destituídos de sujeitidade[6], que o *queer* por eles se interessa, legitimando-os como corpos que existem na diferença. É por se pautar nessa perspectiva da

[6] Inspirado em Bultler (2012), sujeitidade refere-se à formação, construção e processos pelos quais nos constituímos enquanto sujeitos. No entanto, é preciso lembrar que “A ‘sujeitidade’ [‘*subjecthood*’] não é um dado, e, uma vez que o sujeito está sempre envolvido num processo de devir sem fim, é possível reassumir ou repetir a sujeitidade de diferentes maneiras”(SALIH, 2013, p,11).

ISSN 2175-5930

diferença e por criticar e romper com os determinismos e binarismos identitários relacionados ao gênero e à sexualidade que podemos pensar o *queer* enquanto uma "política pós-identitária" como denomina Louro (2013, p.39), tendo em vista sua pretensão de implodir com a própria identidade enquanto categoria fixa de sujeito.

UMA NOVA POLÍTICA DE GÊNERO: PERFORMATIVIDADE E MULTIDÕES *QUEER*

Após conhecer a compreensão de identidade do movimento *queer*, e imersos nessa aquarela de reflexões, reviravoltas e amplitudes teóricas, nos deteremos às compreensões do genêro inauguradas pelo movimento *queer*, a partir de dois conceitos fundamentais. Primeiramente colocaremos em tela a teoria da performatividade de gênero de Judith Butler, e posteriormente a política das multidões *queer* de Beatriz Preciado, que ampliam a noção binária do gênero enquanto categoria do feminino ou masculino.

Ao iniciarmos a incursão no pensamento de Butler, é preciso destacar que ela se configura enquanto uma das mais destacadas e influentes teóricas *queer*, e suas postulações alcançam e impactam um extenso número de campos do conhecimento. Pensadora interessada na linguagem e de ampla filiação teórica e filosófica, tem como principal obra, que guarda o berço da teoria *queer*, *Gender Trouble*, traduzido para o português como *Problemas de Gênero: feminismos e subversão de identidades* (2012).

As obras de Butler são transversalizadas pelas ideias de processo e devir, colocando em dúvida a existência da categoria "sujeito", principalmente o sujeito "mulher" do feminismo. Para Butler, o sujeito é um constructo performativo, assim como a identidade e o gênero.

Nesse jogo de possibilidades de ser sujeito provisório e de reconstruir subversivamente as identidades colocadas, Butler (2012) inaugura um de seus principais legados, que causou uma série de controvérsias e reviravoltas que culminaramm em uma nova maneira de olhar para o gênero enquanto um constructo performativo. A teoria da performatividade[7] ampliou a categorização estática da identidade de gênero masculina e feminina para uma construção que se faz e se refaz contanstemente na cultura.

Para Butler (2012, p.194), o gênero é um estilo corporal, um conjunto de atos performativos e intencionais que culminam na contrução de um sentido, ele é uma fantasia ou

[7] Ao utilizar o conceito de performatividade, Butler se baseia no conceito/teoria linguística de atos performativos ou teoria dos atos de fala de John Austin, explicitada no livro *Como fazer coisas com as palavras* (1955), (SALIH, 2013, p.17).

ISSN 2175-5930

fabricação que se faz na superfície do corpos. E em seu caráter fantasístico, abre possibilidades para rupturas, paródias e críticas exageradas de si mesmo:

> Em outras palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou subtância interna, mas o produzem *na superfície* do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos,* no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo *performativo* sugere que ele não tem *status* ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade (BUTLER, 2012, p.194).

No entanto, essa estilização do corpo que se dá continuamente, essas fabricações performativas, são para ela, na maioria das vezes, apenas repetições das convenções, cópias de um gênero original ou verdadeiro que só existe na fantasia, na ilusão. E nessa estilização de atos repetidos, que acontecem dentro do panorama das regulações, não há espaço, na maioira das vezes, para a subversão, apenas uma reiteração ou repetição das normas. É nesse sentido que Salih (2013, p.95), questiona: "Se a própria subversão é condicionada e restringida pelo discurso, então, como podemos dizer que há efetivamente subversão?". Para nossa autora-chave, a subversão é condicionada pelo discurso e pela linguagem e é caracterizada ou efetivada quando se consegue um deslocamento efetivo das normas de gênero, que unidos a uma renúncia à uma identidade coerente significam um grande potencial subversivo, que exagera ou ironiza as normas regulatórias do gênero.

Ao centrarmos a atenção nas paródias de gênero performativo, nos exageros e ironias, recorremos, por exemplo, às *Drag Queens* para entender melhor essa compreensão de gênero enquanto performativo, tendo em vista que esses sujeitos são [...] "modos de *performance queer* que subversivamente 'alegorizam' (para usar um termo de Butler) a melancolia heterossexual, revelando desse modo, a natureza alegórica de *todas* as identidades sexuais" (SALIH, 2013, p.135). Travestis e *Drags* criam, recriam ou repetem signos corpóreos que expressam nas palavras de Butler (2012, p.194), a "fabricação manufaturada" do gênero no corpo. E essa fabricação do corpo engloba todo um conjunto de gestos, olhares, um modo único de andar, sorrir, falar, deslocar o rosto, as mãos, os olhos.

Drags, travestis e transexuais são uma espécie de perturbação *queer* ou uma apropriação *queer* do performativo, que fogem das determinações, são figuras que vão se desdobrando e se deslocando constantemente. Ao fabricarem um novo modo de ser,

ISSN 2175-5930

performatizam o feminino, e encarnam a impossibilidade de uma identidade fixa, conclusa ou coerente, e de um único gênero. Nesse sentido, ao zombar do gênero, esses sujeitos *queer* nos ajudam a entender o conceito de performatividade pois, "*Ao imitar o gênero, o* drag *revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero – assim como sua contingência* [...] a paródia que se faz é *da* prórpia ideia de um original" (BUTLER, 2012, p.196,197).

Louro (2013, p.20) concorda que a *drag queen* provoca desconforto e fascínio, e que sua paródia pode ser subversiva, pois afirma a construtividade dos gêneros, da autenticidade e da originalidade do mesmo:

> Em sua 'imitação' do feminino, uma *drag queen* pode ser revolucionária. Como uma personagem estranha e desordeira, uma personagem fora da ordem e da norma, ela provoca desconforto, curiosidade e fascínio. De que material, traços, restos e vestígios ela se faz? Como se faz? Como fabrica seu corpo? Onde busca as referências para seus gestos, seu modo de ser e de estar? [...] A drag é mais de um. Mais de uma identidade, mais de um gênero, propositalmente ambígua em sua sexualidade e em seus afetos (LOURO, 2013, p.20,21).

Nessa direção, o corpo passa por um processo de transformação e de indefinição, que é muito bem descrito por Vencato (2012, 43;44) que estuda a 'incoporação' e 'montagem' da drag até que se tornem efetivamente a personagem. Tal ritual engloba uma série de técnicas e truques: a dissimulação do pênis, vestimentas, sapatos altos, maquiagem, ornamentação do corpo para a construção do personagem, acessórios, criatividade, peruca, botas, cintos, pulseiras, cílios postiços, meia-calça, luvas, um verdadeiro processo artístico de criação do feminino, que não cabe no binário, pois cada traço e pincelada de cores testemunham a reivenção de comportamentos, gestos e atitudes, que se vão se tornando cada vez mais performáticos, enfim, toda a conjuntura corpórea que nos dá o caráter fabricado do corpo e do gênero.

Através de gestos que revelam seu caráter fabricado, performativo e subversivo, os sujeitos *queer*, drags, travestis confirmam o sujeito em processo de Butler, principalmente na sua ruptura do sujeito unívoco do feminino ou estático da mulher, em suas palavras:

> Se há algo de certo na afirmação de Beauvoir de que ninguém nasce mulher *torna-se* mulher decorre que *mulher* é um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim. Como uma prática discursiva contínua, o termo está aberto a intervenções e re-significações. Mesmo quando o gênero parece cristalizar-se em suas formas mais reificadas, a própria 'cristalização' é uma prática insistente e insidiosa, sustentada e regulada por vários meios sociais (BUTLER, 2012, p.59).

ISSN 2175-5930

A autora conclui que o processo de tornar-se mulher, nada possui de fixo, e abre a possibilidade para o surgimento de um ser, cuja definição ou descrição não podem ser possíveis na categoria de homem ou na de mulher, caracterizando a subversão que cessa o sentido do binário, que acaba por se multiplicar, sem a necessidade de falar em terceiro gênero (BUTLER, 2012, p.183).

No entanto, esses sujeitos também nos dão a pensar em outro ponto bastante controverso da teoria da performatividade de Butler, a saber: a distinção feita entre performance e performatividade. Em *Gender Trouble*, ela chega a usar os dois termos, no entanto, deixa claro que a performance teatral ou artística exige um sujeito performer por trás do feito. Na performatividade, diferententemente, não há ser ou fazedor, o que existe é a obra, o que talvez se configure em um limite da teoria da performatividade de Butler:

> Nesse sentido, o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra [...] Não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; a identidade é *performativamente* constituída pelas próprias 'expressões' que supostamente são seus resultados (BUTLER, 2012, p.48).

Poderíamos vincular essas inscrições e subversões performativas à materialidade do corpos, dando ao corpo o status de sujeito responsável pela performatividade, ou que está por trás do feito, tendo em vista que o corpo é o possibilitador e o palco das trasformações realizadas. No entanto, na perspectiva de Butler (2012, p.27) o corpo não tem *status* ontológico fora dos performativos, é como se o corpo só existisse a partir de sua generificação, e do discurso que o nomeia, fazendo-o existir a partir da constituição do sujeito na linguagem. Em suas palavras: "Mas o 'corpo' é em si mesmo uma construção, assim como o é a míriade de 'corpos' que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero. Não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca de seu gênero [...]"(BUTLER, 2012, p.27).

Por mais que ela reconheça a possibilidade de subversão ao considerar que a construção e a materialização das normas regulatórias do sexo e do gênero no corpo não se completem nunca, afirmando que "[...] os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta" (BUTLER, 2013, p.154), gerando a necessidade de um reiteração contínua dessas normas, suas proposições ainda retiram do corpo a voz e o protagonismo existencial e subversivo. Butler não nega a existência do corpo

ISSN 2175-5930

material, mas capta, assimila e compreende essa materialidade como também um efeito do poder, recortado pelo discurso e pelas normas regulatórias.

Destacamos os avanços de Butler ao formular o gênero enquanto performativo, e reconhecemos suas controversas postulações sobre o corpo. E é na tentativa de pensar o gênero mais vinculado ao corpo, que recorremos a uma das teóricas que tem se destacado nos últimos anos na teoria *queer* chamada Beatriz Preciado, que formula uma política do desejo, e começa a tentar colocar o corpo no centro das discussões, enquanto espaço forte do político e de resistência à normalização. Preciado amplifica diferentes formas de estar no mundo para além do binário feminino e masculino, assim como faz Butler, no entanto, o faz a partir de suas postulaçãoes sobre a "multidão de corpos *queer*". Em entrevista concedida a Jesús Carrillo e publicada nos Cadernos Pagu em 2007, Preciado reafirma o movimento *queer* enquanto responsável por fazer transbordar a identidade homossexual em intermináveis margens que englobam transgêneros, lésbicas e gays negros, deficientes, prostitutas, 'caminhoneiras e maricas'(PRECIADO, 2007, p.378).

Preciado (2011, p.18) propõe sua política das "multidões *queer*", em oposição justamente às formas comportadas e policiadas de identidade homossexual. Essa política das multidões *queer* faz extravasar e transbordar um conjunto de "maus sujeitos *queer*', que se opõem a uma diferença sexual única e determinada, dando lugar a uma multidão de corpos: homens sem pênis, gays lésbicos, enfim, uma infinidade de potências de vida, que desafiam o poder, uma multidão sexual de corpos que se tornam o próprio sujeito da política e da teoria *queer*:

> O corpo não é um dado passivo sobre o qual age o biopoder, mas antes a potência mesma que torna possível a incorporação prostética dos gêneros. A sexopolítica torna-se não somente um lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação na qual se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais [...] As minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão torna-se queer (PRECIADO, 2011, p.14).

A multidão *queer* não está interessada com um possível terceiro sexo ou terceiro gênero, mas preocupa-se com as identidades 'anormais' e com a pluralidade de corpos que reagem contra os regimes de poder que tentam construí-los, determiná-los ou categorizá-los (PRECIADO, 2011, p.16). E a resposta reacionária é formulada justamente no corpo: homens que se travestem do femino, colocam próteses nos seios e sentem desejo sexual por mulheres; mulheres barbadas, testoteronadas; enfim, toda uma infinidade de corpos e sexualidades

ISSN 2175-5930

metamorfoseadas que não cabem em formas de ser e de amar instituídos e que negam, na própria existência coporal, pertencerem unicamente ao masculino ou ao feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria *queer* é subversiva assim como os sujeitos de que fala, ao questionar os binarismos hétero-homo, masculino-feminino, deseja romper com uma política de identidade fixa que classifica os corpos de forma reducionista, dando voz a sujeitos que não se encaixam no modelo binário e imóvel de identidade que se concretizava nos movimentos gays e lésbicos antecedentes.

Os sujeitos da teoria *queer*, que transgridem as normas de gênero e sexualidade, desmantelando a lógica sexual que opera através dos binarismos, mostram que as formas de viver essas dimensões se multiplicaram e já não mais podem ser resumidas nas fronteiras da heterossexualidade/homossexualidade, e do masculino/feminino. Tais transgressões culminam em postulações teóricas acompanham essa recusa aos binarismos identitários e de gênero.

O movimento *queer* não tem um caráter apaziguador que almeja incluir os sujeitos divergentes da norma, o *queer* prefere o conflito, a divergência e o questionamento das próprias normas e convenções que regram a existência corporal e sexual, bem como seus processos de construção. Percebemos que o principal alvo e revolução *queer*, é a identidade, e que ele provoca reviravoltas identitárias e distanciamentos das normalizações. O *queer* abalou as estruturas da identidade, do gênero e da sexualidade, fazendo ruir o sujeito de reconhecida identidade coesa, fundando a possibilidade de uma "identidade (in)coerente", plural, temporária e inacabada por meio da impossibilidade de categorização.

Ao conceber o gênero não mais como uma categoria de marcação e delimitação social e sim como performativo ou a partir das multidões *queer*, amplia-se a perspectiva para além da categorização e enquadramento dos corpos, multiplicando as formas de afirmação e vivências dos gêneros e sexualidades, possibilitando a emergência de corpos subversivos da lógica binária do gênero.

Pode-se apontar enquanto possível limitação das teorias de gênero do movimento *queer*, o esquecimento do corpo na teoria da performatividade. No entanto, essas postulações também avançam ao conseguirem ampliar e pluralizar o conceito de gênero para além das categorias que organizam as funções, papéis sociais e os corpos como masculinos ou

ISSN 2175-5930

femininos, inaugurando uma perspectiva que os mistura, borrando a linha tênue entre o masculino e o feminino, configurando a resistência à definição e provando que o ser humano é formado de masculinidade e de feminilidade.

Por fim, aponta-se a importância do olhar da Educação Física para essas múltiplas e fluídas formas de ser, que estão para além do masculino e do femino clássicos e de uma sexualidade classificável, seja no âmbito do esporte, no cenário da escola, da formação e da própria produção acadêmica, tendo em vista que eles evocam inúmeras questões e problemáticas sobre o corpo e o movimento nos diversos cenários existenciais.

The Queer Movement: Pluralization of Bodies, Gender and Identities

ABSTRACT

This study aims to reflect about the notions of identity and gender that guide and mark the Queer Theory. The theoretical and philosophic research it was found an overturn of identity caused by the queer movement, as well as an expansion in the concept of gender, through of theoretical reflections as the performativity and queer crowds.

KEYWORDS: Queer Theory; Gender; Identity.

El Movimiento Queer: Pluralización de Cuerpos, Géneros y Identidades

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo reflexionar sobre las nociones de identidad y de género que guían y marcar la teoría Queer. La investigación teórica y filosófica encontró un cambio de identidad provocada por el movimiento queer, así como una expansión del concepto de género, a partir de reflexiones teóricas como la performatividad y multitudes queer.

PALABRAS CLAVES: Teoría Queer; Género; Identidad.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, J. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BUTLER, J. Corpos que pesam sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Gaucira Lopes (Org.). *O corpo educado*: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BUTLER, J. Como os corpos se tornam matéria: Entrevista com Judith Butler [2002]. Florianópolis: *Estudos Feministas*. Entrevista concedida a Baukje Prins e Irene Costera Meijer.

CAMARGO, W. X. RIAL, C. S. M. Esporte LGBT e Condição Pós-Moderna: notas antropológicas. *Cad. de Pesq. Interdisc. em Ci-s. Hum-s.*, Florianópolis, v.10, n.97, p. 269-286, jul./nov, 2009.

DEVIDE, S.P *et al*. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. *Motriz*, Rio Claro, v.17 n.1 p.93-103, jan./mar. 2011.

GOELLNER, S. V. *Bela, maternal e feminina* - imagens da mulher na Revista Educação Physica**.** Tese. (Doutorado em Educação). UNICAMP, Campinas, 1999.

GOELLNER, S. V. O esporte e a construção de uma estética eugênica: imagens do corpo feminino na Revista Educação Physica (1932-1945). *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 12, p. 90-95, 2012.

GOELLNER, S. V. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*, Porto Alegre, *v.13*, n.2, p. 173-196, 2007.

GOELLNER, S. V.; GRESPAN, C. L. Fallon Fox: Um corpo queer no octógno. Movimento, Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1265-1282, out./dez. de 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. Tradução:Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho*: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2.ed.Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MISKOLCI, R. *Teoria Queer*: um aprendizado pelas diferenças.São Paulo: Autêntica, 2012.

PRECIADO, B. Entrevista com Beatriz Preciado. [jan./junho, 2007]. Campinas: *Cadernos Pagu* nº 28. Entrevista concedida a Jesús Carrillo.

PRECIADO, B. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". *Estudos Feministas*: Florianópolis, v.19, n.1, jan./abril, 2011.

SALIH, S. *Judith Butler e a Teoria queer***.** Tradução e notas Guacira Lopes Louro. - 1. Ed.-Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

VENCATO, A. P. "*Fervendo com as drags":* corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.